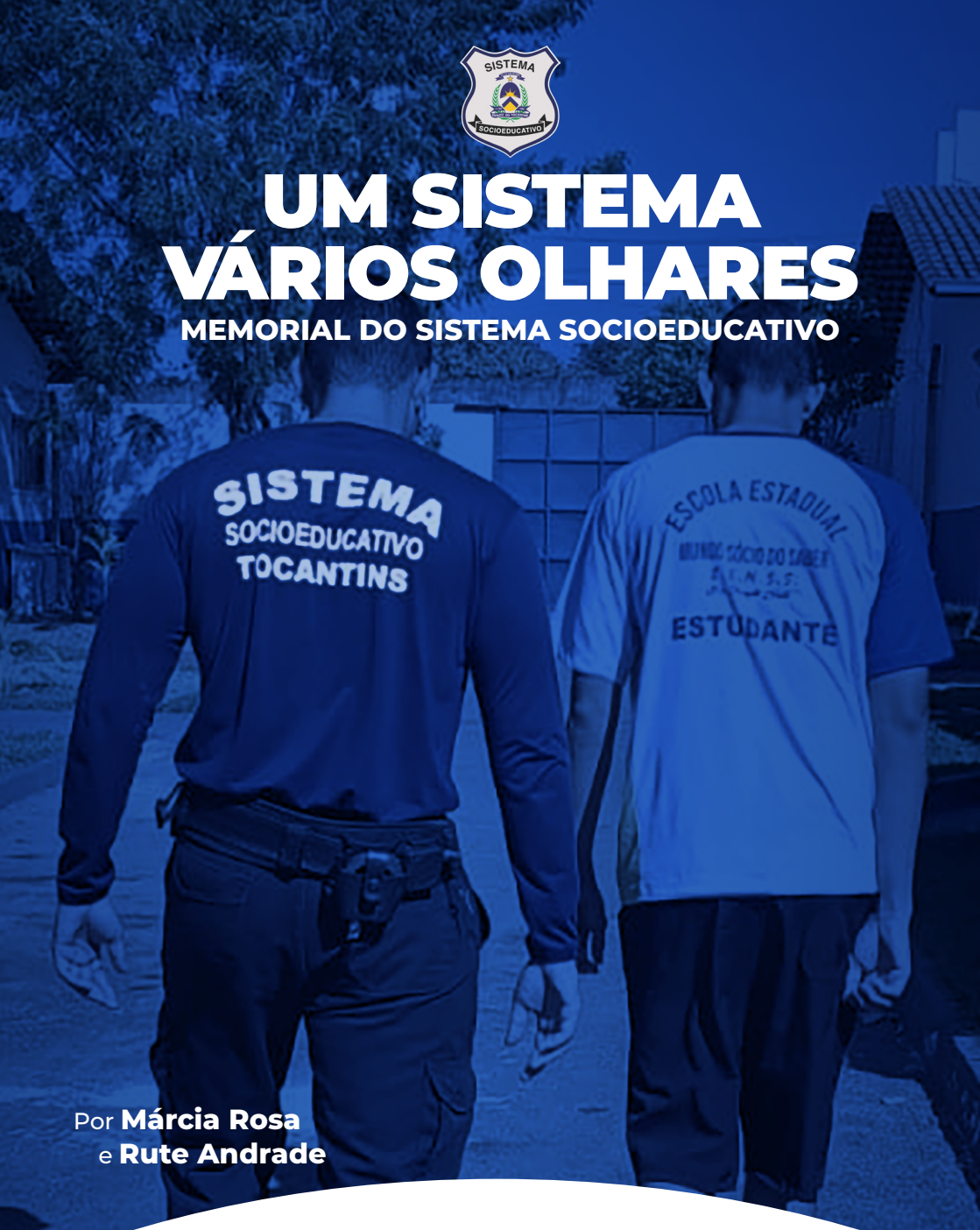
UM SISTEMA VÁRIOS OLHARES

MEMORIAL DO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO



Por **Márcia Rosa**
e **Rute Andrade**

SECRETARIA **DA CIDADANIA E JUSTIÇA**

GOVERNO DO **TOCANTINS**
TRABALHANDO E CUIDANDO DE **TODOS**

SUMÁRIO

UM SISTEMA VÁRIOS OLHARES

MEMORIAL DO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO

1. FICHA TÉCNICA 2
2. ORGANIZADORES 3
3. APRESENTAÇÃO 4
4. SOBRE O MEMORIAL 5
5. AGRADECIMENTOS 6
6. CRÔNICAS DO SISTEMA 7
7. A HISTÓRIA 8
8. OS DOIS LADOS 13
9. NA VOZ DOS ADOLESCENTES 16
10. A FAMÍLIA 18
11. NA VOZ DOS AGENTES 19
12. REDE DE APOIO: A ENGRENAGEM 22
13. O SISTEMA DE JUSTIÇA E A SOCIOEDUCAÇÃO 24
14. A RESPONSABILIDADE DE CADA UM 25

FICHA TÉCNICA

1ª Edição: 2024

Wanderlei Barbosa
Governador do Estado do Tocantins

Laurêz da Rocha Moreira
Vice-Governador do Estado do Tocantins

Deusiano Amorim
Secretário da Cidadania e Justiça

Hélio Marques
Secretário Executivo da Cidadania e Justiça

Zeroildes Miranda
Superintendente de Administração do Sistema
de Proteção dos Direitos da Criança e do Adolescente

Jardel Alves de Souza
Gerente do Sistema Socioeducativo

Ediclea Lopes Araújo
Gerente da Escola Superior de Formação
e Qualificação Profissional

ORGANIZADORES

Márcia Rosa da Silva
Jornalista e Agente Socioeducativo

Rute Andrade dos Santos
Psicóloga e Agente Especialista Socioeducativo

Colaborador
Assessoria de Comunicação da SECIJU

Crédito das fotos
Divulgação SECIJU/Governo do Tocantins

Márcia Rosa – Jornalista formada pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB) - 2010 e Assessora de Comunicação da Secretaria de Estado da Cidadania e Justiça (SECIJU)

Rute Andrade - Doutoranda no Programa de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações – PSTO/UNB; Mestra em Desenvolvimento Regional – UFT; Especialista em Gestão de Pessoas – UFSJ; Psicóloga – UFSJ

APRESENTAÇÃO

Sabe-se que a sociedade em que vivemos desconhece a Política Nacional de Atendimento Socioeducativo, o que não é diferente no Estado do Tocantins. Por meio de uma formação fomentada pelas mídias sociais ou pela imprensa do Brasil, o senso comum vai construindo no seu imaginário o Sistema Socioeducativo e muitas vezes o dissocia da realidade que é vivenciada por quem de fato o conhece.

Como resultado, a sociedade o vê como aquele que enclausura "menores", a fim de tirá-los do convívio social e visto como "a cadeia dos menores". Além disso, o Sistema Socioeducativo também é visto como vilão tanto pela sociedade, quanto pelas famílias e pela mídia, e muitas vezes esse pensamento é endossado pelos próprios agentes que nele atuam.

Baseando-se nessas considerações há muito disseminadas pela mídia, pela sociedade e por tantos outros, a Escola Superior de Formação e Qualificação Profissional propôs em 2019 a construção de um Memorial para dar visibilidade e proximidade a essa Política e levar à população um outro olhar sobre o Sistema Socioeducativo. Com isso, se almeja a partir desta obra, contar essa história construindo e desconstruindo valores já tão enraizados, e potencializar as ações e conquistas no âmbito da medida socioeducativa em meio fechado, bem como o trabalho dos agentes que estão na linha de frente nas Unidades Socioeducativas do Tocantins.

Um dos objetivos deste trabalho é mostrar a atuação, os valores, a missão e as mudanças na vida dos adolescentes que cumprem ou já cumpriram algum tipo de medida socioeducativa.

SOBRE O MEMORIAL

O Memorial foi desenhado a partir da coleta de depoimentos e entrevistas exclusivas com atores diretos e indiretos que são a engrenagem do Sistema, tais como órgãos de representatividade dos direitos da criança e do adolescente, agentes públicos e da sociedade civil, socioeducandos, seus familiares e egressos que já cumpriram medida.

Para iniciar esta pesquisa, tivemos como marco histórico o ano de 2012, ano que foi constituído o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase). Foi feito um mapeamento de pessoas que atuam com a socioeducação no Estado.

A partir deste trabalho, foi possível observar a complexidade do Sistema e as heranças históricas de modelos de encarceramento carregadas. Assim, depara-se com algumas lacunas e ausências que perpassam o Estado e a família. Como consequência, a efetivação do Sinase ainda é um desafio que precisa envolver a todos durante o cumprimento das medidas, para que se desenvolva o papel a que veio, fazendo sentido para o adolescente e para a sociedade onde ele está inserido.

Essa obra nasce, então, a partir das vozes, opiniões e percepções desses atores, transcritas em prosa e utilizando o estilo da Crônica Jornalística e Histórica, a qual permite tratar assuntos delicados com mais leveza e simplicidade. A crônica nos permite também chamar a atenção para críticas e abordar diversas facetas desse Sistema meticuloso que vai além de números, de indicadores ou tipificação de atos infracionais.

Fala-se de vidas, de sonhos e perdas; fala-se de projetos de vida e da falta deles; de construção; de novos momentos; de recomeços; lacunas de todos os lados. Relatos costurados e que formam uma trama com histórias contadas exclusivamente pelos entrevistados. Tudo o que está escrito foi dito por socioeducandos, egressos, agentes socioeducativos, familiares, agentes públicos e da sociedade civil e pessoas que trabalham ou já trabalharam no Sistema Socioeducativo.

As autoras se apropriaram fiel e exclusivamente dos relatos dos entrevistados para escrever esta obra e ocultou o nome de todos os envolvidos para preservar suas identidades.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos a todos que contribuíram diretamente na construção desta obra dedicando seu tempo e exposição por meio das entrevistas para dar vida a esse Memorial.

CRÔNICAS DO SISTEMA

POR
MÁRCIA ROSA
E RUTE ANDRADE

A HISTÓRIA

Uma história contada por várias vozes e olhares. Relatos de familiares de adolescentes internados e dos que já cumpriram medida socioeducativa, de agentes públicos e da sociedade civil e de agentes socioeducativos que acompanharam o Sistema nascer e gerar frutos. Testemunhas de um Sistema meticuloso e complexo que traz heranças da carceragem para adultos e com uma função dúbia que abraça a educação e a segurança.

Nasce então dessas vozes interpretações diversas sobre o que é o Sistema Socioeducativo do Tocantins, que desde 2000 atuava como um Sistema Prisional onde se colocavam os "menores". Uma cadeia onde todos se igualavam: gente grande e gente pequena. Não importava. Era preciso prender o "menor infrator" assim como o adulto criminoso, atendendo a um pedido escuso da sociedade. Uma exigência estrutural e uma herança para fechar a conta de muitos anos.

Em 2001 foi criado o Centro Socioeducativo (CSE), coordenado pela Secretaria de Segurança Pública (SSP). Um projeto de ressocialização voltado exclusivamente para adolescentes que cometeram atos infracionais, em Taquari, extremo sul da Capital, a uns vinte quilômetros do Centro, bem longe dos olhos, como de costume.

Já em 2002, passou a ser gerido pela Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social (Setas). O Centro Socioeducativo tinha capacidade para 16 adolescentes e uma equipe técnica composta por pedagogos, psicólogos, assistentes sociais, coordenadores e professores. Ele ainda seguia o modelo prisional e desde lá, o Sistema foi se reinventando a "passos lentos".

> **"A gente foi aprendendo a aprender (...) a gente não sabia como atuar nessa vertente tão nova e tão diferenciada e assim foi ficando, desbravando essa educação nova que não entendíamos muito bem."**

A HISTÓRIA

Somente em 2006 foi inaugurado o Centro de Atendimento Socioeducativo (Case), para internação desses adolescentes que cometeram atos infracionais, com capacidade para 36 internos, divididos em três blocos, estrutura pensada e moldada segundo diretrizes do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), com foco na responsabilização. Na parte estrutural, o Case tem 12 alojamentos coletivos triplos, seis alojamentos individuais, quadra de esportes, área de lazer, biblioteca, salas para cursos e atividades pedagógicas, capela, enfermaria/consultório médico, consultório odontológico, área administrativa com salas de atendimento e um bloco exclusivo da Escola Estadual Mundo Sócio do Saber para os adolescentes.

Em 2007, o Sistema foi assumido pela Secretaria de Estado da Defesa Social, hoje Secretaria de Estado da Cidadania e Justiça (Seciju), e está voltado à Política de atendimento à criança e ao adolescente, preceituando o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

O Case sempre foi visto como o Sistema e não como uma Unidade que faz parte de um todo, de uma engrenagem. O que se vê é uma coisa fragmentada. Todos pensam que é só o Case, mas existe todo um trabalho nas Semiliberdades e nos Centros de Internação Provisória que ainda não é visto.

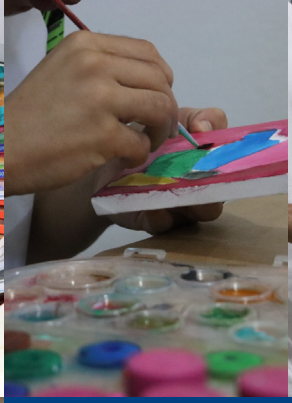
Hoje o Estado totaliza dez Unidades Socioeducativas com capacidade total para 152 internos, distribuídas pela Região Central, como o Case e a Unidade do Núcleo de Atendimento Integrado (UNAI), com alojamentos individuais, sendo oito masculinos e dois femininos, onde os adolescentes e jovens ficam por até 24 horas até serem apresentados ao juiz; Centro de Internação Provisória Masculino (CEIP Masculino), com capacidade para 18 internos; Centro de Internação Feminino (CEIP Feminino), com capacidade para quatro internas;

Unidade de Semiliberdade Masculina (USL Masculina), e Unidade de Semiliberdade Feminina (USL Feminina), ambas com capacidade para oito adolescentes. Na Região Sul, em Gurupi, com o Centro de Internação Provisória (CEIP Sul), com capacidade para 32 internos, e a Unidade de Semiliberdade de (USL Sul), com capacidade para 18 internos e na Região Norte, com a Unidade de Semiliberdade (USL Norte), em Araguaína, com capacidade para 10 adolescentes, e Santa Fé do Araguaia com o Centro de Internação Provisória (CEIP Norte), com capacidade para 18 socioeducandos.

Um dos entrevistados fala que é preciso entender que o adolescente é fruto do mundo que apresentaram para ele, do meio em que ele vive e que a sociedade é muito condenatória e exterminatória. Às vezes as mães veem os filhos serem trancados e se emocionam com a cena. Se fosse só ressocializar, talvez a escola e a família conseguissem fazer isso, mas eles vêm para cá por algum motivo, pelo ato infracional que cometeram lá fora, e aí lidam também com uma espécie de "punição", com uma responsabilização que eles precisam assimilar dentro de seis meses a um ano.

Essa nova realidade é apresentada aos adolescentes com regras e comportamentos que eles são obrigados a lidar e se encaixar, sendo que, após a medida, eles vão voltar para o mesmo lugar de origem, para seus bairros, para suas famílias, para suas realidades e para seus mundos particulares, lugares dos quais pertencem e foram constituídos até chegar ao Sistema Socioeducativo.

Na fala dos agentes, a medida socioeducativa não pode ser vista como a panaceia para o adolescente porque ele tem uma vida pregressa e vai ter uma vida futura. Não dá para, nesse período máximo de três anos, resolver e apagar tudo o que foi construído nele, durante o cumprimento da medida. Esse tempo certamente não resolve os problemas estruturais carregados ao longo de suas adolescências.



SISTEMA
SOCIOEDUCATIVO
CASE
CENTRO DE
ATENDIMENTO
SOCIOEDUCATIVO
TOCANTINS

ORGANIZAÇÃO
EST
ESCOLA DE SOCIOEDUCAÇÃO
DO TOCANTINS

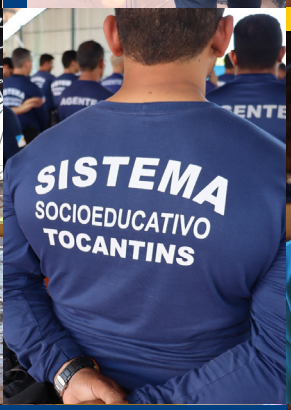
AGENTE

AGENTE
SISTEMA
SOCIOEDUCATIVO
TOCANTINS

SISTEMA
SOCIOEDUCATIVO
ÁREA DE SEGURANÇA

AGENTE

SISTEMA
SOCIOEDUCATIVO
TOCANTINS


SISTEMA
SOCIOEDUCATIVO
TOCANTINS

BARCELONA

SISTEMA
SOCIOEDUCATIVO
TOCANTINS

AGENTE

AGENTE

SISTEMA
SOCIOEDUCATIVO
TOCANTINS

OS DOIS LADOS

"O ato infracional é igual a um acidente de avião, nunca é por um fator só" e os socioeducandos fazem parte da classe mais discriminada da sociedade, que em sua maioria povoa esse Sistema.

No primeiro dia que chegam para cumprir as medidas, alguns têm ataques de pânico, choram nos primeiros momentos, falam que veem coisas e têm sensações de sufocamento porque entram para um alojamento e se deparam com outro mundo. A princípio, alguns ficam sós para sua própria segurança até serem integrados e passarem a conviver com os demais. Mas, com o tempo, eles se acostumam com tudo: com a vida no ato infracional e com a medida imposta, e de tanto se acostumarem, acostumam-se até com a reincidência.

"A sociedade tem a visão de Febém", lugar de caos, de rebeliões e que é necessária a punição do adolescente infrator. Mas, como tudo, há dois lados: pais, mães e parentes também enxergam esses muros como um lugar bom para eles, um local de recomeços onde são bem tratados e têm tudo, ou quase tudo, ao menos fisicamente. Ainda faltam alguns pedaços para essa engrenagem funcionar bem, mas os adolescentes têm à disposição assistência psicológica, social, jurídica, educacional e são convidados diariamente a se alimentarem com propósitos de mudança de vida.

"Aqui é bom demais, meu filho! Não queria nem que ele saísse daqui". Essa é a voz de uma mãe cujas palavras ecoaram nos corredores do Sistema e por muitas vezes são escutadas por quem trabalha nele.

Uma fala comprometedora e mais comum do que se imagina porque quando ninguém mais consegue ajudar e mudar a rota desses adolescentes, eles são enviados para o Sistema que toma pra si o dever de construir um mundo novo, tentando diminuir o abismo estabelecido há tempos entre sociedade, Estado, Sistema de garantia de direitos e família.

OS DOIS LADOS

Somado à realidade lá fora, em que tantas vezes falta tudo, há adolescentes que acham confortável estar internado. Um sentimento perigoso que reflete uma lacuna, uma ferida socioeconômica aberta, quando se chega ao extremo de precisar estar dentro do Sistema para conseguir o mínimo existencial. Além disso, ainda nos deparamos com a realidade de jovens que têm o crime como referência, não o pai, não a mãe. E diante desses desajustes, há aquele adolescente que já confidenciou timidamente que se tivesse uma televisão e um videogame morava aqui, nesses muros, com essas grades. Mas, a maioria não quer ficar, claro! Eles querem liberdade e quando veem a oportunidade de sair, eles saem, pois estão envoltos de um enclausuramento e muitas vezes veem o nascer e o pôr do sol por através de grades, uma realidade difícil de se conviver.

Mas ainda assim, por trás desses muros também podem haver lugares de encontros com eles mesmos ou perdas deles mesmos, afinal, como eles próprios dizem: "cair no Sistema" é uma condenação que força a estar consigo mesmo e com seus erros. Talvez sair daqui transformado não seja uma escolha para alguns, talvez a escolha seja apenas sair e voltar numerosas vezes até não voltar mais, por escolha ou por sentença.

A passagem pela internação é como uma hospedagem: há regras, compromissos e responsabilidades com eles mesmos, regras estas, que não fazem parte da realidade em suas casas, isso quando as tem. Mas aqui não dá para ser de qualquer jeito nem dá para tratar o Sistema e o agente de segurança como uma fórmula matemática. As circunstâncias vão determinar a maneira de agir com cada adolescente e suas particularidades. É preciso falar no momento certo, além de não transferir responsabilidades enquanto estamos aqui fazendo essa parte ínfima da ressocialização que também cabe à família e ao Estado.

> **Aqui é oportunizado a eles, pelo menos, o atrevimento de sonhar com uma vida longe da prática do ato infracional.**

Vilão ou mocinho, o fato é que o Sistema Socioeducativo transforma vidas e também possibilita o ressurgir de sonhos adormecidos nos adolescentes e nas famílias e também é um espaço acolhedor que ensina respeito, valores e despertam neles sonhos que muitas vezes já tenham morrido ou adormecido. Hoje temos exemplos de adolescentes que cumpriram medida e se tornaram caminhoneiro, policial e vigilante em uma empresa multinacional. Tem até um que é destaque no MMA. Há quem seja agente de segurança socioeducativo mas que já esteve do outro lado cumprindo medida por dois anos. Hoje ele transmite para outros jovens histórias reais e possibilidade de mudanças, mesmo nesse pequeno espaço de tempo.

Para alguns, estar no Sistema é uma oportunidade de recomeço, um escape ou fuga dos seus próprios "monstros". "Se eu não tivesse vindo para cá, tinha acontecido o pior". Foi o que disse uma adolescente internada. Ela vivia envolta por possibilidades fáceis, promessas, seduzida pelo dinheiro, pelas influências, pelas emoções, pelos riscos, e o ato infracional foi um dos seus legados da adolescência.

Mas as unidades socioeducativas também são lugares de aprendizados, de algumas perdas, mas também de ganhos que podem levá-los para fora dos muros altos. Alguns imaginavam que aqui era um lugar sem vida, mas percebem que muitas vezes é uma oportunidade real de acesso à Rede, pois, em muitos casos não conseguem fora daqui.

Enquanto internados, os adolescentes têm a chance de quebrar, romper ou interrompem alguns ciclos que viviam e que podem levá-los a um caminho sem volta para casa e família ou para o que resta.

> **"Sinto medo de sair e morrer"**

"Também pode ser um lugar só para chorar ou só alimentar o ódio porque não se resolve nada deixando a pessoa trancada". Relato de um adolescente que experimentou o "cárcere" por vinte vezes, entre Goiás e Tocantins, e diz "não resolver nada a internação, que só faz a pessoa sair de lá com o mesmo pensamento".

Até o dia em que ele decidiu mudar em consequência do nascimento do filho. Uma decisão aparentemente simples e individual para o senso comum de um jovem com apenas 16 anos, o que na verdade não é. Ele tinha uma família na qual predominava a figura feminina: mãe, irmã e sobrinha.

Seu pai, preso a primeira vez quando ele ainda tinha quatro anos, e que hoje já somam 16 anos. Sua principal referência. Enquanto esse pai estava preso, o adolescente substituiu seu ídolo, o homem da casa, pelo tráfico que dava a ele muito dinheiro e, pelo menos, dois tiros de raspão. Sobreviveu aos tiros, à medida socioeducativa e tomara que sobreviva aos vilões de sua história daqui para frente com um filho, que para ele, agora será a referência como seu pai também foi um dia.

Eles sabem que ficam internados pouco tempo, oito meses, seis meses, e logo estão de volta às ruas, à família ou ao vazio. Mas há passagens que marcam e podem significar a ruptura de um ciclo. “A minha última passagem foi bastante marcante porque foi quando eu decidi mudar de vida. Eu recebi muita ajuda. Me ajudaram a arrumar emprego”. Decisão feita por ele próprio, que confidencia de cabeça baixa que cometer ato infracional não valia a pena. Fica a dúvida se essa decisão vai ao encontro da maturidade relativa de um adolescente.

> **“Durante o cumprimento da semiliberdade eu comecei a estudar, a fazer uns cursos, e até a trabalhar ganhando meu próprio dinheiro e com meus cursos terminados”**

A FAMÍLIA

Tudo o que é falado na sociedade vai contra a socioeducação, mas muitas mães e pais ainda acreditam que o Sistema é um lugar que pode mudar a cabeça dos filhos.

Alguns, inclusive, preferem que o filho esteja internado a permanecer na rua, fora de seus olhos e de seu controle. Uma realidade preocupante quando a família não consegue cumprir seu papel de educador, por diversos fatores, e precisam impor limites aos seus filhos, transferindo a responsabilidade para instituições como a escola e em alguns casos, para o Sistema de responsabilização, como o Socioeducativo.

Outras entendem como prisão e que o filho está pagando por um crime, e ainda há aquelas famílias que agradecem pelo acompanhamento e percebem mudanças, ao menos enquanto o adolescente está internado, debaixo de outras asas que não a deles.

O contato de alguns adolescentes com seus familiares muitas vezes é restaurado enquanto cumprem a medida socioeducativa e as relações familiares são parte fundamental durante a internação.

Quando falamos em Sistema Socioeducativo não temos uma identidade sólida. Estamos no imaginário das pessoas, e até no nosso, como algo ainda deturpado. É uma política complexa e a pessoa tem que estar bem centrada e ter o perfil adequado para trabalhar com a socioeducação, que tem um papel duplo: vigiar e socioeducar. Um ambiente pesado psicologicamente.

Mas há profissionais que se identificam com esse Sistema sem saber explicar bem quais situações o fascinam. Vieram para ficar sem a menor intenção de sair, trabalhando de forma altruísta, ajudando nem que seja um, na tentativa de mudar aquela realidade fora ou, pelo menos, internamente no adolescente.

> **“Eu respiro isso aqui. Está no sangue porque quando estou em casa, meu pensamento está aqui e a qualquer momento eu posso ser chamado”**

Quando a sociedade se refere ao Sistema Socioeducativo, ela grita e em bom tom a exigência de uma resposta de punição e de “depositar” no Sistema toda a responsabilidade que, na verdade, é de todos.

Quem não tem um adolescente que passou pelo Sistema ou que não conheça alguém que cumpriu medida socioeducativa, não conhece isso aqui de fato, apenas imagina. Ninguém nem sabe o que é. As pessoas pensam que tudo é do penitenciário porque não temos uma identidade consolidada. Ainda é visto como o algoz da sociedade, mas, na verdade, é um espaço que se pode trabalhar em conjunto para transformar e apoiar rumo a novas mudanças e estilos de vida.

Os papéis se confundem com essa falta de identidade, migrando entre a segurança e a pedagogia. É preciso ter uma visão diferenciada e fazer com que os próprios servidores pensem diferente também. “À medida que se faz um treinamento pesado, com policial e tudo, pensa ser melhor assim do que ser daquele jeito, aí cria aquela confusão na mente do agente”.

Por outro lado, sabemos que é necessário trabalhar os dois lados, a segurança dos agentes e dos adolescentes e a educação para que possamos mudar essa realidade e torcer para que não reincidam.

“É o quê? É um presídio? É bandido?”. Essas são as perguntas da sociedade. Mas, reconhecemos que aqui também é um lugar para recomeçar, mesmo afastado do centro, marginalizado e fazendo parte daquela porção que sofre o preconceito.

Essa é a narrativa sobre a identidade do Sistema construída e reproduzida por todos até hoje. Mas existem relações de empatia pelos profissionais que ali atuam, sendo uma via de mão dupla: não depende apenas do adolescente estar aqui, mas todo um histórico familiar, um contexto político socioeconômico.

Já está enraizado neles, na família e na sociedade que entrar no Sistema é para “cumprir pena”, que são todos bandidos e que não há ressocialização. Que estão presos, que têm que ficar quietinhos, cumprindo a medida e ponto final. Uma resposta satisfatória a todos.

Os próprios adolescentes se veem “puxando cadeia”, e na maioria do tempo, aqui se trabalha com segurança, com conceito de lugar fechado. Mas é preciso pensar também na segurança dos próprios adolescentes, em sua maioria faccionados, na segurança dos agentes, na segurança da unidade e na segurança externa. É preciso pensar na segurança o tempo todo.

Você tem que pensar na segurança ao levar aquele adolescente para uma audiência, durante o transporte, no momento de entregá-lo à família, com o fim da medida e até mesmo quando retornam para casa nos fins de semana, quando cumprem a medida de semiliberdade. Tudo envolve segurança, e na socioeducação ainda é pouca, devido à dualidade da concepção das medidas de internação.

> **“Às vezes ele nunca esteve inserido, ele nunca teve trabalho, nunca teve educação, ele nunca teve uma formação familiar, então até o conceito para ser reinserido é complicado”**

Ao resgatar a fundo a questão pessoal de cada adolescente, observa-se uma fragilidade familiar e até mesmo em nível de desenvolvimento tanto psicossocial, quanto físico, social e econômico. Sabe-se que a família é o pilar de conhecimento, mas a fragilidade na sua construção é um fator latente.

Já tiveram mães que bateram à nossa porta para deixar os filhos aqui porque sentiam que estavam seguros, e essa relação de dependência e fragilidade por parte da família nos fez começar a enxergá-la de uma forma diferente e, no decorrer do tempo, a gente vai “sendo uma família”. Mas é um caminho perigoso quando acham que estar no Sistema é melhor do que estar lá fora, entretanto, é uma realidade mais comum do que se imagina.

REDE DE APOIO: A ENGRENAGEM

O Sistema é uma rede, uma engrenagem e se uma peça falha, respinga na vida desses adolescentes podendo ser um fator que contribui para reincidência.

Na voz da rede de apoio que engloba o Sistema de Justiça, a saúde, a educação, o lazer a cidadania, os fatores sociais, econômicos, afetivos, tudo está ligado ao caminho percorrido pelos jovens e adolescentes que, muitas vezes, trilham para o caminho que tem como a parada final, o Sistema Socioeducativo.

Às vezes, a vontade de alguns em mudar a realidade é grande, porém, quando ele volta para aquele lugar de onde veio, ele recai. Então, se ele não sai daquele ambiente degradante, muito provavelmente ele volta a cometer atos infracionais por falhas em vários fatores: no ambiente social, na própria comunidade, na família, no Estado. Nós falhamos! Todos falham nessa engrenagem.

O processo de mudança deve ser pensado antes da sua iniciação no Sistema Socioeducativo, e isso acontecerá com uma mudança do local de onde ele reside para outro com menos incidência daquelas mazelas costumeiras e reais.

O que se vê na maioria dos casos é uma fragilidade no alicerce familiar e socioeconômico desses adolescentes advinda de realidades precárias em todos os campos sociais. Não dá para ser um faz de conta superficial. Precisa ser mais incisivo nesse contexto.

> **“Teve um adolescente que pediu ao juiz pra ficar internado na Unidade de Semiliberdade porque lá ele consegue acesso a Rede”**

Uma conta difícil de fechar quando nos deparamos com casos de adolescentes reincidentes que falam “eu sou muito mais voltar para cá porque aqui eu vou comer na hora que eu quero, aqui eu tenho escola, aqui eu tenho atendimento à saúde”. Uma revelação que indica que fora dos muros não se consegue fornecer isso para as famílias e, ao mesmo tempo, cobra-se do adolescente, e especialmente dele, algo que a Rede como um todo não consegue oferecer e a vida não é para amadores. As dificuldades vêm e em uma sociedade em que historicamente a criança e o adolescente ainda é visto como um dos “provedores”, “auxiliadores” da casa, que tem que trabalhar para ajudar a família, a oferta por dinheiro “fácil” é atraente e decisiva no mundo desses jovens que trilham caminhos perigosos que levam ao Sistema Socioeducativo e não raro, à morte precoce.

O SISTEMA DE JUSTIÇA E A SOCIOEDUCAÇÃO

Na voz do Sistema de Justiça ressocializar é algo muito mais amplo e profundo. Não tem um tempo exato para avaliar se foi feito de fato essa ressocialização, porque ressocializar é como plantar uma semente.

No julgo universal, há culpados e inocentes. Houve falhas de todos os atores envolvidos: a falha da família, do Estado e da sociedade.

É uma política ainda "desacreditada" e o Judiciário caminha pelo lado mais comum da coisa: aplicar o recurso costumeiro que a sociedade exige, achando que pelo fato de estar internado, ele vai sair transformado e mudar toda a realidade que não se encerra nem se limita a ele, o adolescente.

Foca-se no adolescente e no ato que foi cometido por ele, e quando se vê adolescentes vindos de novo e de novo para o Sistema, percebe-se que a engrenagem não está funcionando. O Sistema de justiça também faz parte dessa engrenagem e é um ato constante de tentativas e erros na busca por alternativas mais assertivas que abracem a todos.

O Sistema Socioeducativo é considerado o fim do percurso, pois ao chegar nele, percebe-se que já houve falhas lá atrás. Mas também pode ser o começo, quando vem para quebrar aquele ciclo de atos infracionais para eles reiniciarem de uma forma diferente. A medida socioeducativa pautada na responsabilização, não está totalmente equivocada e pode dar certo, quando observamos adolescentes que se reencontram e se refazem após o cumprimento da medida com o apoio familiar.

A RESPONSABILIDADE DE CADA UM

"A regra é buscar um culpado". Assim são as relações, sejam elas quais forem e em quais âmbitos estejam. No Sistema Socioeducativo não é diferente. Percebe-se um conjunto de falhas: a medida muitas vezes não é adequada, o meio não é adequado, a família não esta adequada, há a transgressão de valores, regras, comportamentos e a transferência e perpetuação dessas transgressões para os adolescentes herdeiros.

Há casos em que a mãe foi presa junto com o filho apreendido e antes de chegar aqui, é necessário trabalhar tudo isso: o processo de educação e o processo de acolhimento na comunidade que ele está inserido.

É um conjunto de situações: a família, a sociedade e o Estado. Mas há um discurso natural e estrutural de que o principal fator para a prática do ato infracional pelos adolescentes é a "falta de vontade e que se ele quiser, ele consegue o que quer na vida, não precisa escolher o caminho mais fácil". Uma cobrança de mão única ao jovem ainda em desenvolvimento e muitas vezes também cobrado por agentes que atuam na ponta.

Mas se a Rede de Garantia de Direitos der continuidade ao trabalho feito aqui dentro, os resultados iriam para além da medida, chegando à realidade do adolescente. Entretanto, nunca foi mostrado o lado bom, o que realmente acontece, os profissionais qualificados que atuam no Sistema e que estão dispostos a fazerem alguma diferença nesse curto espaço de tempo.

Os profissionais ainda se deparam com preconceitos e retóricas de que tudo isso aqui ainda é segmento de uma cadeia. Enquanto se limitar a essas quatro paredes, o Sistema Socioeducativo não vai ter uma identidade de fato. Vai ser preciso construí-la dia após dia.

> **"Isso aqui é a UTI do Sistema Socioeducativo como um todo e da rede de proteção"**

CENTRO DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO (CASE), LOCALIZADO EM TAQUARI, PALMAS.

SISTEMA

SOCIOEDUCATIVO

SECRETARIA **DA CIDADANIA E JUSTIÇA**

GOVERNO DO **TOCANTINS**

TRABALHANDO E CUIDANDO DE **TODOS**